

GÊNERO, SABERES E RESISTÊNCIA O (RE)CONHECIMENTO DA MULHER PEIXEIRA NA COMUNIDADE PISCATÓRIA BAIXO LÁ, ZONA DE PORTO RINCÃO, CABO VERDE¹

GENDER, KNOWLEDGE, AND RESISTANCE THE (RE)COGNITION OF THE "MULHER PEIXEIRA" IN THE BAIXO LÁ FISHING COMMUNITY, PORTO RINCÃO AREA, CAPE VERDE

Artigo recebido em: 12/18/2025

Artigo aceito em: 3/17/2026

Denise Costa de Brito*

*Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (UENF), Campos dos Goytacazes, Rio de Janeiro, Brasil

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6983908709149692>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-6738-7981>
denise@iff.edu.br

Adilson Filomeno Carvalho Semedo**

**Universidade de Cabo Verde (UNI-CV), Praia, Ilha de Santiago, Cabo Verde

Orcid: <https://orcid.org/0009-0003-3206-9336>
adilson.semedo@docente.unicv.edu.cv

Shirlena Campos de Souza Amaral*

*Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (UENF), Campos dos Goytacazes, Rio de Janeiro, Brasil

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4323474960797731>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0178-4970>
shirlena@uenf.br

The authors declare that there is no conflict of interest

Resumo

Cabo Verde é um arquipélago que se caracteriza por uma diversidade cultural resultante de processos históricos de colonização euro portuguesa refletida nas comunidades de pesca artesanal. Nesse contexto, os saberes e práticas das mulheres peixeiras permanecem, em grande medida, invisibilizados, apesar de sua participação central na cadeia produtiva do pescado, especialmente na comercialização e na garantia da subsistência familiar. Este artigo analisa as relações de gênero na pesca artesanal, evidenciando desigualdades estruturais que afetam a valorização do trabalho feminino, o reconhecimento de seus saberes e o acesso a direitos. O estudo está vinculado à Universidade de Cabo Verde e à Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, tendo como recorte empírico a comunidade pesqueira Baixo Lá. Metodologicamente, adota-se a História Oral e a História de Vida, com abordagem qualitativa baseada em imersão etnográfica, observação

Abstract

Cape Verde is an archipelago characterized by cultural diversity shaped by historical processes of Euro Portuguese colonization which are reflected in artisanal fishing communities. In this context, the knowledge and practices of women fish vendors remain largely invisible, despite their central role in the fish production chain, particularly in commercialization and in ensuring household subsistence. This article analyzes gender relations within artisanal fisheries, highlighting structural inequalities that affect the recognition of women's labor, the valuation of their knowledge, and their access to rights. The study is affiliated with the University of Cape Verde and the State University of Northern Rio de Janeiro Darcy Ribeiro, focusing empirically on the fishing community of Baixo Lá. Methodologically, the research adopts Oral History and Life History as its central approaches, grounded in a qualitative framework that includes ethnographic

¹ "O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001".

participante e entrevistas semiestruturadas. A narrativa da entrevistada constitui o eixo central da análise. Os resultados indicam que a desigualdade de gênero está associada a processos históricos que reforçam a desvalorização do trabalho feminino. Contudo, evidenciam também estratégias de resistência, organização coletiva e produção de saberes territoriais e políticos, fundamentais para a justiça social e a equidade de gênero.

Palavras-chave: Relações de Gênero. Pesca Artesanal. História Oral. Cabo Verde.

immersion, participant observation, and semi-structured interviews. The narrative of the interviewee constitutes the main analytical axis. The findings indicate that gender inequality in artisanal fisheries is associated with historical processes that reinforce the devaluation of women's work. However, the narratives also reveal everyday strategies of resistance, collective organization, and the production of territorial and political knowledge, which are fundamental to social justice and gender equity.

Keywords: Gender Relations. Artisanal Fisheries. Oral History. Cabo Verde.

1 INTRODUÇÃO

Cabo Verde é um arquipélago formado por povos africanos e euro portugueses caracterizado por sua diversidade cultural especialmente nas comunidades de pesca artesanal. Essa diversidade, muitas vezes negligenciada, contém histórias entrelaçadas que revelam saberes e experiências historicamente invisibilizados, em particular os relacionados às mulheres e suas contribuições na pesca. A literatura aponta que os estudos sobre gênero, comunidades e saberes tradicionais permanecem limitados, assim como a reflexão sobre os preconceitos e conceitos transmitidos ao longo do tempo.

Este estudo está vinculado à Universidade de Cabo Verde e à Linha 3 do Projeto de Educação Ambiental Pescarte denominada “Trabalho e Organização Produtiva: um estudo sobre a inserção feminina na cadeia produtiva do pescado”, em parceria com a Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro. A pesquisa de campo ocorreu na comunidade de pesca artesanal Baixo Lá², na Zona de Porto Rincão, Ilha de Santiago, tendo como referência principal a narrativa de Maria, conhecida como Maizinha ou Mai, mulher, peixeira e presidente da Associação para o Desenvolvimento das Mulheres Peixeiras de Rincão (ADMPR).

O artigo adota a História Oral como eixo metodológico central, valorizando a experiência de liderança e organização comunitária de Maizinha. A pesquisa envolveu imersão com traços etnográficos de 50 dias, entre novembro de 2025 e fevereiro de 2026, com permanências intercaladas de um a cinco dias por semana, além de observação

² O idioma falado pela entrevistada e pelos membros da comunidade de pesca é predominantemente o crioulo caboverdiano. As entrevistas realizadas foram gravadas e enviadas para serem traduzidas e transcritas pelo tradutor Luis Santos por meio da plataforma digital teradicioulo.com.

participante e entrevistas semiestruturadas. As entrevistas foram categorizadas em três eixos temáticos: (1) história de vida e questões de gênero; (2) vivências comunitárias, saberes e fazeres; e (3) perspectivas de luta e futuro da mulher na cadeia produtiva da pesca artesanal.

Dessa forma, o presente trabalho busca estabelecer um diálogo entre o trabalho da mulher na pesca artesanal e sua narrativa de vida, promovendo reflexão crítica sobre as relações de gênero e sua resignificação através das memórias biográficas analisando o protagonismo feminino na pesca artesanal e suas contribuições para a construção de saberes coletivos.

2 CAMINHOS METODOLÓGICOS: HISTÓRIA ORAL E HISTÓRIA DE VIDA

Historicamente, as experiências e memórias de indivíduos e comunidades foram frequentemente marginalizadas, resultando na invisibilização de vozes, especialmente das mulheres que atuam em áreas tradicionalmente consideradas masculinas. Nas últimas décadas, a História Oral consolidou-se como uma metodologia de pesquisa capaz de dar visibilidade, valor e legitimidade à pluralidade de experiências humanas, contribuindo para narrativas mais inclusivas e representativas, de acordo com HAMPATÉ BÂ, (2010, p. 176) “Se não nos apressarmos em reunir seus testemunhos e ensinamentos, todo o patrimônio cultural e espiritual de um povo cairá no esquecimento juntamente com eles, e uma geração jovem sem raízes abandonada à própria sorte.” Ouvir e compartilhar histórias é um método investigativo válido, embora desafie a escalabilidade das pesquisas modernas, que priorizam estruturas padronizadas e mensuráveis.

A História Oral permite integrar dimensões subjetivas, perceptivas e experienciáveis na construção do conhecimento, contrastando com metodologias científicas tradicionais que privilegiam a objetividade e a replicabilidade (Delgado, 2003). Reconhecer o valor epistêmico das narrativas possibilita revelar dimensões sociais, culturais e históricas muitas vezes ignoradas, reforçando a importância da subjetividade como fonte legítima de saber. A História Oral também desempenha papel fundamental na preservação da identidade coletiva, mantendo vivas memórias e tradições comunitárias (Delgado, 2003).

Essa metodologia proporciona ao pesquisador e ao participante reflexões sobre trajetórias de vida, fortalecendo vínculos e ampliando a compreensão de práticas sociais,

culturais e econômicas locais. Ao dar voz às experiências de populações invisibilizadas, a História Oral favorece uma análise humanizada e crítica, evidenciando como as práticas comunitárias e os saberes locais contribuem para a construção de identidades e resistências. HAMPATÉ BÂ, (2010) nos elucida que:

Na África, tudo é “História”. A grande História da vida compreende a História das Terras e das Águas (geografia), a História dos vegetais (botânica e farmacopeia), a História dos “Filhos do seio da Terra” (mineralogia, metais), a História dos astros (astronomia, astrologia), a História das águas, e assim por diante. HAMPATÉ BÂ, (2010, p.184)

A pesquisa de campo ocorreu na comunidade Baixo Lá, que abriga 28 famílias e 128 pessoas, segundo o Censo da Pesca (2021). O local foi escolhido em função da relevância da personagem-chave, Maizinha, Presidente da única Associação de Mulheres Peixeiras da ilha de Santiago, que se destaca como mulher, mãe solo e líder comunitária, atuando em uma atividade tradicionalmente masculina e enfrentando desafios significativos no acesso a direitos e oportunidades.

O levantamento de dados incluiu pesquisa documental e bibliográfica, entrevistas semiestruturadas, observação participante e caderno de campo. A abordagem qualitativa privilegia significados, valores e crenças, permitindo compreender a realidade interpretada pelos indivíduos dentro de seu contexto histórico e social com a compreensão de que “cada ato individual é uma totalização do sistema social” (Ferrarotti, 2014, p. 73). As entrevistas biográficas foram realizadas como interações sociais, revelando hierarquias e dinâmicas presentes na vivência cotidiana da entrevistada respeitando sua cultura do tempo. A análise dos dados foi realizada por meio da análise de conteúdo de (BARDIN, 2016), articulada aos referenciais teóricos.

No contexto deste estudo, a História Oral e a História de Vida permitem compreender as experiências de uma mulher africana que é uma liderança na cadeia produtiva da pesca artesanal, valorizando seus saberes, narrativas e lutas sociais, e oferecendo um panorama aprofundado das interações entre gênero, trabalho e cultura em Cabo Verde.

3 DESIGUALDADE DE GÊNERO NA ATIVIDADE DA CADEIA PRODUTIVA DA PESCA ARTESANAL

A visão de acordo com Scott (1995), apresenta o gênero com dois significados inter-relacionados, ambos ligados às relações de poder e às estruturas sociais “Estabelecidos como um conjunto objetivo de referências, os conceitos de gênero estruturam a percepção e a organização concreta e simbólica de toda a vida social” (Scott, 1995, p. 88). A autora argumenta que as construções sociais derivam de papéis atribuídos a homens e mulheres dentro de relações de poder, sendo fundamental apontar as desigualdades e injustiças que delas decorrem Scott (1995, p. 86) afirma que “o gênero é uma forma primária de significar relações de poder”. Essa perspectiva é ampliada por Lugones (2020, p. 75), ao destacar que “a colonialidade de gênero organiza o mundo moderno”. O gênero, portanto, evidencia como distinções biológicas entre os sexos foram historicamente utilizadas para subordinar as mulheres, mantendo-as em espaços de invisibilidade social e econômica.

No campo do trabalho, Hirata (2009) propõe três indicadores da precariedade feminina: ausência de proteção social e de direitos sindicais, jornadas reduzidas e baixos níveis de qualificação. Esses indicadores refletem a chamada “divisão sexual da precariedade”, evidenciando que as mulheres estão concentradas em empregos informais, de menor prestígio e remuneração, especialmente no setor de serviços. No contexto da pesca artesanal, a invisibilidade feminina torna-se ainda mais evidente, caracterizando-se como um “esquecimento” social que marca essas comunidades (Motta-Maués, 1999). A articulação entre teoria e estudo de campo revela a urgência de políticas públicas efetivas que valorizem o trabalho e os saberes geracionais das mulheres peixeiras.

Estudos africanos ampliam essa compreensão quando Oyèwùmí (1997, p.32) “o gênero não pode ser automaticamente aplicado às sociedades africanas” alertando para o risco de aplicar categorias ocidentais de gênero em contextos africanos, onde as relações sociais são organizadas por senioridade, comunidade e responsabilidades coletivas indicando assim, a necessidade de abordagens contextualizadas. Amadiume (1987) defendeu que hierarquias e desigualdades existem, mas devem ser interpretadas a partir das lógicas locais. No Brasil, Matos (2021, p.54) afirma que a desigualdade de gênero é um fenômeno estrutural e Carneiro (2022, p.89) complementa que o reconhecimento de saberes subalternizados implica disputa política”. Nas comunidades pesqueiras, as

peixeiras ocupam posições centrais na economia local, ainda que desvalorizadas, sendo seus saberes naturalizados e pouco reconhecidos.

A narrativa oral da protagonista, Maizinha, revela como experiências individuais refletem processos históricos mais amplos, marcados por discriminação e resistência. Suas memórias revelam múltiplas formas de desigualdade e estratégias de enfrentamento, mostrando que os saberes das mulheres peixeiras não se limitam ao domínio técnico da embarcação e da pesca, mas abrangem conhecimentos territoriais, ambientais, sociais e políticos (Bosi, 2003). A memória de Mai funciona como ferramenta de reconstrução da experiência, permitindo reinterpretar trajetórias individuais à luz de processos históricos coletivos.

A invisibilização das mulheres na cadeia produtiva resulta de hierarquias de gênero e de modelos de desenvolvimento que desconsideram práticas tradicionais. As consequências concretas incluem ausência de reconhecimento profissional, exclusão de políticas públicas, limitação de participação em decisões coletivas e desvalorização simbólica de seus saberes. Ainda assim, as mulheres desenvolvem estratégias de enfrentamento, como apoio mútuo e criação de organizações coletivas. A ADMPR, fundada em 2013, representa exemplo de fortalecimento político e social, permitindo maior autonomia frente a estruturas historicamente excludentes.

Ao articular a história oral, gênero e dinâmicas sociopolíticas das comunidades pesqueiras, este estudo evidencia que valorizar as trajetórias das mulheres peixeiras vai além do reconhecimento de contribuições econômicas: trata-se de produzir epistemologias situadas, desestabilizando hierarquias coloniais e patriarcais. O testemunho de Mai reinscreve essas mulheres como protagonistas da produção de saberes, organização comunitária e fortalecimento de direitos sociais, políticos e culturais. A valorização de suas narrativas constitui ato político, promovendo reconstrução de memórias coletivas e fortalecimento das lutas em defesa da pesca artesanal e dos territórios tradicionais.

4 A HISTÓRIA ORAL DE QUEM VIVE, SENTE E LUTA

As memórias, transmitidas ao longo de gerações por meio da escuta sensível e da valorização das narrativas das mulheres historicamente silenciadas, constituem uma fonte privilegiada para revelar dimensões da vida social frequentemente ausentes. À luz das

reflexões de Djamilia Ribeiro (2017) sobre os mecanismos históricos de silenciamento das mulheres, especialmente no que se refere ao apagamento epistêmico e à deslegitimação de suas experiências, torna-se possível compreender como esses processos atravessam a trajetória das mulheres peixeiras que estão inseridas em um campo marcado por desigualdades de gênero, raça e classe, essas mulheres têm seus saberes tradicionais frequentemente desconsiderados como conhecimento válido, apesar de sustentarem práticas essenciais à reprodução econômica, social e simbólica das comunidades pesqueiras. Reforça Ribeiro, com argumento que o silenciamento não decorre da ausência de voz, mas da ausência de escuta social e institucional, que opera para naturalizar sua invisibilidade e restringir sua participação nas instâncias de decisão, segundo Ribeiro (2017, p.41) “o silenciamento não é a ausência de fala, mas a negação da escuta” evidenciando o caráter político das narrativas.

4.1 História de vida entrelaçada às questões de gênero

A pesca artesanal em Cabo Verde é tradicionalmente desenvolvida pelos homens e às mulheres trabalham essencialmente com o beneficiamento e a venda do pescado. Neste sentido e confirmando a análise de Motta-Maués (1999), em sua pesquisa “Pesca de Homem/Peixe de Mulher (?): Repensando Gênero na Literatura Acadêmica Sobre Comunidades Pesqueiras no Brasil” o trabalho da mulher na cadeia produtiva da pesca artesanal também em Cabo Verde é fortemente evidenciado na pré e pós captura.

Este trabalho na pesca artesanal é geracional, onde em família de pescadores o estabelecimento das funções já está definido de forma natural sem contestações. O peixe é a base alimentar e financeira importante nas famílias como nos conta a entrevistada: *“Minha mãe é peixeira, meu pai também era pescador. Isso já vem da família. A pesca sempre foi a base da nossa casa. Nós sempre vivemos preocupados com o rendimento do peixe, porque era com esse dinheiro que meu pai colocava os filhos na escola. Ao todo, éramos 19 filhos. Todos fomos criados com dinheiro da pesca. Uns trabalhavam no mar, outros estudavam, outros viajavam, mas tudo vinha do rendimento do peixe. Eu mesma comecei desde cedo a vender peixe. Todo o dinheiro que eu ganhava era para ajudar em casa. Com o tempo, comecei a gostar do trabalho. Fui aprendendo na prática, observando minha mãe. Foi assim que me tornei peixeira.”* A narrativa da peixeira revela

a centralidade do trabalho feminino na pesca artesanal e confirma a análise de Federici (2021) sobre a naturalização do trabalho feminino.

As lembranças começaram a surgir junto com as emoções. Pausas para se expressar, sorrisos tímidos e a desconfiança de qual seria a próxima pergunta. A História Oral provoca o desejo da voz e Mai foi se sentindo confiante em relatar sobre a composição familiar de um pai com duas famílias simultâneas, porém, em casas separadas por alguns metros, com 19 filhos que viveram e vivem harmoniosamente. Essa relação familiar revelou uma relevante vivência com traços de comunidade: *“Nunca houve diferença entre os filhos de uma mulher e da outra. Sempre vivemos como uma só família. Se em uma casa tinha comida, todos comiam. Se em uma casa faltava, a outra dividia. Se alguém levava alguma coisa para uma mãe, tinha que levar também para a outra. Nunca houve distinção. Meu pai sempre ensinou que todos eram filhos iguais. Se comprava algo para uma, era obrigado a comprar para a outra também. Minha mãe sempre observava isso com muita atenção. Na nossa família, o mais importante sempre foi estarmos juntos, unidos. A gente sempre trabalhou junto. Uns iam para a horta, outros iam para o mar. Quando havia colheita, dividíamos tudo. Quando alguém precisava, o outro ajudava. Nunca tivemos brigas graves na família. Sempre amizade, sempre união.”*

Neste sentido, Bauman (2003) afirma que existe uma tensão na vivência em comunidade de outros tempos, seu ritmo ditado pela natureza, sua rotina marcada pela tradição, a vida dos seus membros em contradição a uma “uma outra rotina artificialmente projetada e coercitivamente imposta e monitorada” (Bauman, p. 36, 2003) porém, o sentido de “pertencer a” continua uma demanda em nossa sociedade. Assim, Mai reforça que a relação familiar a partir dos ensinamentos do pai confirmando o conceito de comunidade de outrora descrita por Bauman: *“Quando enviam alguma coisa, mandam para as duas mães. Quando vêm visitar, trazem presentes para as duas. Até hoje isso é mantido. Graças a Deus, a união continua. Ele ensinou tudo isso para nós. Ensinou que tudo tem que ser feito junto: comer juntos, trabalhar juntos, dividir juntos. Quando havia algum problema, ele resolvia com conversa. Nunca abandonou nenhum filho. Nunca deixou ninguém de lado. Todos foram para a escola. Muitos também conseguiram viajar para fora para estudar ou trabalhar. Minha mãe sempre dizia que estudar era muito importante.”* No contexto da comunidade piscatória Baixo Lá, o tempo social ainda é vivido de maneira relativamente estável e previsível, permitindo a internalização

espontânea de normas, valores e práticas coletivas, o que favorece laços de pertencimento e solidariedade.

O relato descreve o convívio com uma igualdade relativa de gênero na relação dos filhos e filhas. Com isso, Joan Scott nos impulsiona fazendo perguntas do “Por que (e desde quando) as mulheres são invisíveis como sujeitos históricos, ainda que saibamos que elas participaram de grandes e pequenos eventos da história humana?” (Scott, 1995). A família de Mai é composta por homens e mulheres e quando do falecimento do patriarca quem assume todas as responsabilidades é um homem e a mudança acontece com as necessidades que forjaram a mulher chefe de família e peixeira como é relatado: *“Depois da morte do meu pai, o meu irmão mais velho assumiu todas as responsabilidades: dinheiro, barco, redes, tudo. Ele passou a ser o responsável por tudo da família.”*

Nesse sentido, as narrativas de vida constituem instrumentos centrais para compreender como essas mulheres produzem sentidos sobre seu trabalho, suas trajetórias e suas formas cotidianas de resistência em um campo historicamente masculinizado. Ao privilegiar a escuta da peixeira, este estudo reconhece nessa mulher como sujeita produtora de conhecimento, cujas narrativas revelam não apenas experiências individuais, mas processos coletivos, estruturas sociais e relações de poder que atravessam o setor das pescas. Os relatos da investigada evidenciam que sua inserção nas etapas de beneficiamento, comercialização e distribuição do pescado não é acidental, mas resultado de aprendizagens intergeracionais, redes de sociabilidade e saberes construídos na prática cotidiana.

Na cultura da pesca em Cabo Verde o reforço da divisão do trabalho é explícito quando Mai responde ao ser questionada sobre homens vendendo peixes: *“Existe discriminação. Na comunidade, sim. Porque aqui é visto como um trabalho de mulher, não de homem. Quando o homem tenta vender, existe discriminação, como se fosse um desprezo.”* Tais narrativas desafiam a concepção hegemônica que associa a pesca exclusivamente à captura e ao trabalho masculino, revelando uma cadeia produtiva sustentada por múltiplos indivíduos e, em especial, pelas mulheres.

A intenção do artigo não é confrontar a dinâmica na cadeia produtiva da pesca artesanal em Cabo Verde, mas revelar a importância da visibilidade das peixeiras, a partir da História Oral, que pode tensionar as hierarquias simbólicas que estruturam o reconhecimento do trabalho no setor evidenciando como a autonomia econômica, frequentemente atribuída às peixeiras no discurso social, é vivida de forma ambivalente.

Se, por um lado, o trabalho com a venda do peixe garante renda, reconhecimento comunitário e certa independência, por outro, expõe essas mulheres a múltiplas formas de precarização, ausência de direitos trabalhistas e invisibilidade institucional.

4.2 Vivências comunitárias, saberes e fazeres

A infância narrada pela peixeira entrevistada retrata que a socialização de meninas e meninos se dava em estreita relação com o território e com o mar. As brincadeiras descritas — mergulhar, competir para apanhar objetos no fundo do mar, partilhar alimentos — constituíam práticas de aprendizado corporal e comunitário: *“A maior parte da brincadeira era no mar, porque não havia nada, então brincávamos de ‘tartaruga’. Mergulhávamos no mar para abraçar quem estava pegado. Ganhava quem apanhava mais coisas.”*

Essas experiências reforçam a ideia de acordo com Oyèrónkẹ́ Oyèwùmí (1997), de que a constituição do sujeito ocorre no interior da comunidade, e não a partir de uma lógica individualista. A comunidade constitui o contexto, o espaço social ou cultural, em que a realização das possibilidades individuais pode tomar lugar, desde que haja oportunidade para o desenvolvimento da personalidade. No caso das peixeiras, essa personalidade se constrói em interação com o mar, a família e a coletividade. O desaparecimento dessas práticas, atribuído à presença da televisão e às mudanças contemporâneas, é percebido pela narradora como uma ruptura: *“Agora mudou tudo.”*

No plano discursivo, as narrativas de vida permitem problematizar as representações sociais associadas às peixeiras, a força e a autonomia feminina e a estigmatização de comportamentos que escapam às normas de gênero. Ao narrar suas vivências, a própria peixeira reinterpreta esses rótulos, ressignificando-os como expressão de resistência, dignidade e capacidade de enfrentamento. Mai nos informa que busca participar de formações para melhorias no seu trabalho *“Saí de Rincão para participar de formações em Senegal e Guiné-Bissau. Também fui para a Feira Internacional, passei por Portugal e Espanha durante um mês. Também participei de várias formações com pessoas de fora. Fiz capacitação com uma formadora brasileira. Usei o que aprendi para melhorar meu trabalho. Tudo que conquistei foi através de projetos e parcerias. Nunca tive emprego fixo, tudo sempre foi através da pesca e dos projetos”*. Dessa forma, a problemática central não se constrói a partir da noção de

invisibilidade entendida como ausência empírica, mas como resultado de processos históricos, discursivos e institucionais que produzem o apagamento das mulheres no setor das pescas. Mai relata que *“Como peixeira, eu trabalho diretamente com meus clientes. Sempre trato todos com respeito. Nunca destratei ninguém. Sempre trabalho com alegria, com honestidade. Nunca tive problemas graves com clientes. A venda de peixe, para mim, sempre foi um trabalho de respeito.”* Reconhecer as peixeiras como capital humano qualificado implica não apenas incluí-las em programas e estatísticas, mas valorizar seus saberes, trajetórias e formas próprias de organização, fundamentais para a sustentabilidade social e econômica das pescas em Cabo Verde.

Embora Menkiti (1984) afirme que é a comunidade que define a pessoa, os estudos sobre gênero apontam que esse reconhecimento não é neutro, sendo atravessado por relações de poder no trabalho e nas hierarquias simbólicas, produzindo formas específicas invisibilizações das mulheres. Assim, mesmo em ontologias relacionais, como a africana, o reconhecimento da personalidade feminina pode ser limitado por estruturas patriarcais internalizadas.

A concepção africana de pessoa, ancorada na ontologia da comunidade, oferece um referencial analítico para compreender as experiências das peixeiras nas comunidades piscatórias de Cabo Verde conforme argumenta Menkiti (1984), a personalidade não é um atributo inato ou puramente individual, mas um processo relacional, construído ao longo do tempo por meio da participação ativa na vida comunitária e do reconhecimento social.

No contexto das comunidades pesqueiras cabo-verdianas, as peixeiras constroem sua personalidade e seu pertencimento comunitário a partir de práticas cotidianas ligadas ao beneficiamento, à comercialização e à distribuição do pescado. À luz da filosofia africana, tais práticas não podem ser compreendidas como atividades marginais ou complementares, mas como expressões centrais da condição de pessoa, uma vez que é a contribuição ao coletivo que confere reconhecimento e estatuto social (Menkiti, 1984).

A formulação de Mbiti (1970, p. 141) — “eu sou, porque nós somos; e uma vez que somos, então eu sou” — revela-se particularmente elucidativa para interpretar as trajetórias das peixeiras. No relato de Mai *“Sempre que vejo algo que pode beneficiar a comunidade, eu vou atrás, mesmo com meu próprio dinheiro, mesmo sem apoio. Eu fico feliz quando alguém é beneficiado. Mesmo enfrentando críticas, dificuldades e barreiras, eu continuo. Muitos falam mal, mas eu sigo firme porque penso sempre na comunidade. As críticas doem, mas não me fazem desistir. Desde pequena eu já tinha esse espírito de*

lutar pelo bem comum.” A identidade dessas mulheres não se constitui de forma isolada, mas no interior de redes comunitárias de trabalho, cuidado e solidariedade, que sustentam o funcionamento da cadeia das pescas.

Sobre o trabalho das peixeiras, Mai afirma que *“a vida de peixeira é muito cansativa e deveria ser mais valorizada. Quem vende no mercado sofre menos, mas quem anda com peixe na cabeça, debaixo do sol ou da chuva, na zona rural, sofre muito mais. Às vezes somos chamadas de longe para vender peixe, e temos que caminhar grandes distâncias com a banheira na cabeça. É um sacrifício enorme. O trabalho do pescador no mar é arriscado, mas o da peixeira também é muito cansativo.”* Entretanto, como evidenciam a narrativa de vida analisada neste estudo, essa centralidade prática não se converte automaticamente em reconhecimento simbólico ou institucional, revelando uma tensão entre presença empírica e valorização social.

A noção de interesses, objetivos e valores comuns que diferencia uma comunidade de uma mera associação de pessoas individuais. Membros da comunidade compartilham objetivos e valores. Eles têm ligações intelectuais e ideológicas, bem como emocionais, com esses objetivos e valores; enquanto estimá-los, eles estarão sempre prontos para persegui-los e defendê-los.

O reconhecimento comunitário frequentemente se manifesta de forma ambígua: ao mesmo tempo em que essas mulheres são percebidas como fortes, autônomas e fundamentais para a economia local, são também estigmatizadas quando seus comportamentos desafiam normas hegemônicas de feminilidade. Ao organizar uma associação de mulheres peixeiras no Rincão, Mai relata: *“No começo, a associação não tinha nada. Não tínhamos barco, não tínhamos motor, não tínhamos apoio. Muita gente dizia que não ia dar certo. Muita gente criticava, falava mal, dizia que eu não era capaz. Mas eu não desisti. Comecei a procurar ajuda em instituições, fui atrás de projetos, fui atrás de financiamento. Conseguimos apoio. Vieram pessoas de fora, instituições, até cooperação internacional. Conseguimos barco, motor, equipamentos. A associação começou a crescer. Algumas pessoas passaram a me atacar, a me culpar por tudo. Chegou um momento em que fiquei sozinha administrando tudo. Eu fiquei muito cansada, física e emocionalmente.”* Tal tensão evidencia que a personalidade feminina, embora construída na e pela comunidade, é constantemente negociada e, por vezes, contestada.

Assim, a articulação entre história oral, narrativas de vida e análise estrutural permite compreender as peixeiras não apenas como objeto de políticas, mas como sujeitas

históricas que produzem resistência, conhecimento e transformação no interior de um setor marcado por desigualdades de gênero.

4.3 Perspectivas de luta e futuro da mulher na cadeia produtiva da pesca artesanal na Zona de Porto Rincão

A pesca artesanal representa um elemento essencial para a sustentabilidade econômica, social e cultural de comunidades costeiras em contextos globais e locais. Embora o papel das mulheres seja fundamental em várias etapas da cadeia produtiva — especialmente no processamento, comercialização e manutenção da qualidade do pescado — sua participação muitas vezes permanece invisibilizada em políticas públicas, estatísticas oficiais e debates científicos mais amplos.

Ao dialogar com os estudos africanos de comunidade e gênero, essas narrativas permitem compreender as mulheres como sujeitas históricas que produzem saberes e sustentam a vida coletiva, mesmo em contextos marcados por desigualdades de gênero.

Ainda assim, a cooperação feminina permanece como eixo estruturante da vida comunitária, agora reconfigurada por outros meios, como os grupos de mensagens: *“Nós, que não lemos, temos que ouvir quem tem mais experiência; se alguém errar, a outra avisa. Mesmo que o grupo não se reúna fisicamente, falamos.”* Essa prática confirma o que autora como Ifi Amadiume (1987) aponta: a articulação feminina não se manifesta apenas em espaços formais, mas nas estratégias cotidianas de organização, cuidado e circulação de saberes.

A narrativa também evidencia a centralidade do trabalho reprodutivo e comunitário, frequentemente naturalizado e invisibilizado pelas políticas públicas. Quando questionada sobre acolher pessoas da comunidade, a peixeira responde de forma simples: *“É hábito.”* Esse “hábito” revela, na verdade, uma ética de partilha herdada de gerações anteriores: *“Se havia idosos ou pessoas com dificuldades na casa, ninguém ficava de fora. Tudo o que havia era partilhado.”*

A história narrada revela que a exclusão das mulheres das políticas do setor das pescas não decorre de sua ausência, mas de uma lógica que não reconhece como trabalho produtivo as atividades majoritariamente femininas. Mai relata que *“Olham para o nível de escolaridade e veem o pescador e a peixeira como alguém de classe baixa.”* Essa

crítica aparece de forma explícita quando a peixeira reflete sobre a desvalorização social do seu ofício.

A narradora demonstra consciência de que a luta por reconhecimento passa pela visibilidade institucional e pela memória: *“Esse conhecimento todo deveria estar registrado para que, cada vez que alguém veja, lembre-se das mulheres de trás.”* e ao assumir a presidência da Associação de Mulheres, a peixeira transforma sua experiência individual em ação coletiva. Sua trajetória desafia fronteiras de gênero ao ocupar espaços tradicionalmente masculinos: *“Tirei a minha carta de condução e fiz formação em mecânica, à frente de muitos homens.”* Essa experiência reforça uma noção de futuro baseada na autoestima, na organização financeira coletiva e na autonomia das mulheres e reforça que *“Nós somos capazes. Falta apenas esforço e alguém para despertar isso nelas.”*

O futuro da mulher na cadeia produtiva da pesca artesanal em Porto Rincão, portanto, não se limita à permanência no trabalho, mas envolve a disputa por reconhecimento, apoio institucional, registro da memória e fortalecimento das organizações comunitárias. Ser mulher peixeira, como afirma a narradora, *“Nós fazemos qualquer coisa que o homem faz. Eu tenho todo o orgulho de ser mulher.”* é motivo de orgulho e resistência cotidiana apesar da crescente visibilidade, o trabalho feminino na pesca artesanal ainda é frequentemente visto como secundário ou invisível e as mulheres ainda enfrentam desafios significativos relacionados à desigualdade de gênero, acesso limitado a recursos, e pouca representação em espaços de decisão e formulação de políticas públicas e Mai destaca de forma contundente que *“É um trabalho com dignidade. Deve ser divulgado como qualquer outro trabalho.”* A literatura também mostra que essa divisão de trabalho é socialmente construída em que homens tendem a dominar tarefas de captura e as mulheres concentram-se no processamento do pescado, na venda e na comercialização.

Mai expressa claramente o desejo de que o trabalho das peixeiras seja amplamente divulgado e valorizado reforçando que o trabalho *“Deve ser divulgado em qualquer lugar: televisão, rádio, internet, redes sociais, tudo. Mas principalmente naquela parte das instituições do mar, onde precisamos de apoio, pois nem sempre somos beneficiadas.”* reivindicando apoio das políticas públicas em particular para adquirir equipamentos e infraestrutura *“Precisamos de apoio também para equipamentos que faltam na embarcação”* evidenciando que o acesso a equipamentos, crédito e tecnologia

é reconhecido como um dos maiores desafios enfrentados pelas mulheres na pesca artesanal, refletindo desigualdades estruturais no setor.

A fala de Mai incorpora elementos que vão além da simples descrição das atividades econômicas, revelando uma dimensão identitária e cultural do trabalho relembando as escutas de que *“Antigamente, a mulher levantava de madrugada com o menino nas costas... Minha mãe conta como era e isso me dá muito orgulho.”* A memória social e o orgulho cultural são formas de conhecimento tradicional que se configuram não apenas como uma prática econômica, mas também como um patrimônio sociocultural de uma ideia que encontra eco em estudos sobre pesca artesanal que ressaltam a importância de reconhecer a dimensão simbólica e histórica do trabalho feminino. Ao afirmar: *“Eu tenho todo o orgulho de ser mulher...”* Mai reforça que a luta por visibilidade e valorização está diretamente conectada à autoestima e à afirmação de identidade das mulheres na pesca artesanal definido como um aspecto fundamental para a formulação de políticas mais equitativas. No que tange ao futuro, a peixeira manifesta a necessidade de fortalecer a associação local e *“...ter um pessoal ativo, que não tenha medo de enfrentar os desafios... Precisamos de um fundo na associação... para investir no nosso negócio...”* A organização coletiva e mecanismos de apoio mútuo são apontados como estratégias de empoderamento que podem fortalecer a autonomia econômica das mulheres, aumentar sua capacidade de inovação e melhorar o acesso a mercados e recursos.

5 CONCLUSÃO

O presente artigo teve como objetivo analisar o trabalho da mulher na cadeia produtiva da pesca artesanal na comunidade Baixo Lá, Zona de Porto Rincão, em Cabo Verde, a partir das narrativas de história de vida de uma mulher peixeira reconhecida como liderança comunitária. O diálogo entre os estudos africanos de comunidade e gênero e narrativas de vida das peixeiras cabo-verdianas amplia o horizonte teórico da análise, permitindo compreender essas mulheres como sujeitas históricas que produzem saberes, sustentam a vida comunitária e constroem formas cotidianas de resistência no interior de um setor marcado por desigualdades de gênero. A história oral, nesse sentido, atua como ferramenta crítica, capaz de expor as lacunas e silêncios das políticas oficiais.

Os resultados da pesquisa indicam que as mulheres peixeiras desempenham papel central na sustentação econômica, social e simbólica das comunidades piscatórias, sobretudo nas etapas de beneficiamento, comercialização e distribuição do pescado. Contudo, apesar de sua participação estruturante na cadeia produtiva da pesca artesanal, essas mulheres permanecem submetidas a processos recorrentes de desvalorização, precarização do trabalho e exclusão dos espaços institucionais de formulação de políticas públicas.

Dessa forma, conclui-se que reconhecer e valorizar essas mulheres implica reconfigurar critérios de reconhecimento institucional. E ressalta-se, por fim, a necessidade de políticas públicas que incorporem a perspectiva de gênero de maneira transversal no setor das pescas, reconhecendo a totalidade da cadeia produtiva e garantindo a participação efetiva das mulheres nos processos decisórios.

REFERÊNCIAS

AMADIUME, Ifi. **Male Daughters, Female Husbands: gender and sex in an African society**. London: Zed Books, 1987.

BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

CABO VERDE. Instituto Nacional de Estatística. **V Recenseamento Geral da Pesca (Censo da Pesca 2021)**. Praia: INE, 2021.

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. História oral e narrativa: tempo, memória e identidades. **História Oral**, [S. l.], v. 6, n. 1, p. 9-25, 2003. Disponível em: <https://doi.org/10.51880/ho.v6i0.62>. Acesso em: 19 dez. 2025.

FEDERICI, Silvia. **O patriarcado do salário: notas sobre Marx, gênero e feminismo**. São Paulo: Boitempo, 2021.

FERRAROTTI, Franco. **História e histórias de vida: o método biográfico nas ciências sociais**. Natal: EDUFRN, 2014.

HAMPATÉ BÂ, Amadou. A tradição viva. In: KI-ZERBO, Joseph (ed.). **História Geral da África, I: Metodologia e pré-história da África**. 2. ed. rev. Brasília: UNESCO, 2010. p. 167-207.

HIRATA, Helena. A precarização e a divisão internacional e sexual do trabalho. **Sociologias**, Porto Alegre, v. 11, n. 21, p. 24-41, jan./jun. 2009.

LUGONES, Maria. Colonialidade e gênero. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (org.). **Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020. p. 57-83.

MBITI, John Samuel. **African Religions and Philosophy**. London: Heinemann, 1970.

MENKITI, Ifeanyi. Person and community in African traditional thought. In: WRIGHT, Richard A. (org.). **African Philosophy: an introduction**. 3. ed. Lanham: University Press of America, 1984. p. 171-181.

MOTTA-MAUÉS, Maria Angélica. "Pesca de homem" / "Peixe de mulher" (?): repensando gênero na literatura acadêmica sobre comunidades pesqueiras. **Etnográfica**, Lisboa, v. 3, n. 2, p. 377-399, 1999.

OYĚWÙMÍ, Oyèrónké. **The Invention of Women: making an African sense of Western gender discourses**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1997.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento, 2017.

SCOTT, Joan Wallach. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1995.

Contribuição dos autores

Todos os autores contribuíram igualmente para o desenvolvimento deste artigo.

Disponibilidade dos dados

Todos os conjuntos de dados relevantes para as conclusões deste estudo estão totalmente disponíveis no artigo.

Como citar este artigo (APA)

Brito, D. C. de, Semedo, A. F. C., & Amaral, S. C. de S. (2026). GÊNERO, SABERES E RESISTÊNCIA O (RE)CONHECIMENTO DA MULHER PEIXEIRA NA COMUNIDADE PISCATÓRIA BAIXO LÁ, ZONA DE PORTO RINCÃO, CABO VERDE. *Veredas Do Direito*, 23(7), e235893. <https://doi.org/10.18623/rvd.v23.5893>